

* Associação dos Arqueólogos Portugueses; UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa
andrea.arte@gmail.com

** FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia; UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; Associação dos Arqueólogos Portugueses
c.augustoneves@gmail.com

Viajando ao interior do mundo: o repertório iconográfico da Lapa dos Louções (Arronches)

Andrea Martins*
César Neves**

Resumo A Lapa dos Louções localiza-se na Serra de São Mamede, junto da aldeia da Esperança em Arronches. Apesar de ser conhecida desde os anos 60, o repertório iconográfico permanece praticamente desconhecido, não tendo sido realizado um estudo sistemático dos motivos esquemáticos existentes. Integram-se no denominado ciclo de pintura rupestre esquemática peninsular, fazendo parte do grupo de abrigos que formam o núcleo de Arronches.

Abstract Lapa dos Louções is located in Serra de São Mamede, near the village of Esperança, in Arronches. Despite being known since the 60s, the iconographic repertoire remains practically unknown, without a systematic study of the existing schematic motifs. These integrate the painted schematic rock art cycle of the Iberian Peninsula, being part of the group of rock shelters that form the Arronches's cluster.

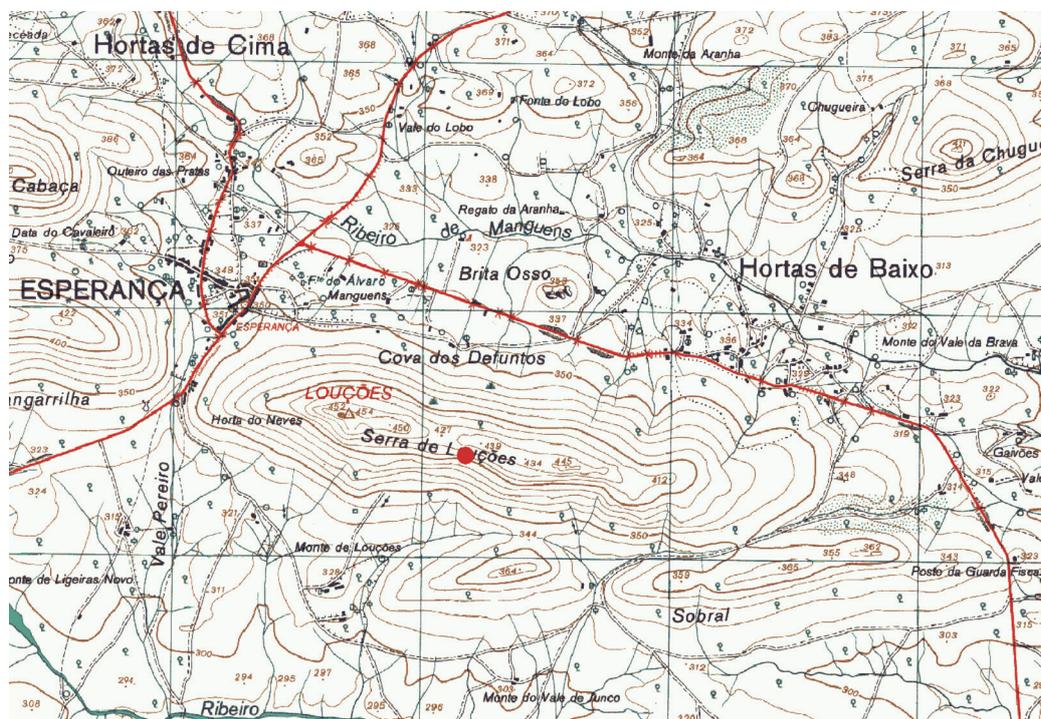


Fig. 1 – Localização da Lapa dos Louçoos (CMP 373).

1. Apontamentos historiográficos: a Lapa dos Louçoos e a sua integração no núcleo de abrigos da Esperança (Arronches)

No contraforte quartzítico da Serra dos Louçoos, que atravessa a aldeia da Esperança (Arronches), localizam-se três abrigos com pinturas esquemáticas: Lapa dos Gaivões, Lapa dos Louçoos e Igreja dos Mouros. A pouca centenas de metros deste conjunto encontra-se o Abrigo Pinho Monteiro, na denominada Serra do Cavaleiro (Fig. 1). Estes quatro abrigos foram sendo identificados durante o século XX, o primeiro, a Lapa dos Gaivões, em 1914, seguindo-se, em 1960, a Lapa dos Louçoos e a Igreja dos Mouros, e, em 1981, o denominado Abrigo Pinho Monteiro, tendo sido alvo de diversos estudos por vários investigadores (Martins, 2014).

A Lapa dos Louçoos foi identificada em 1960 por O. da Veiga Ferreira e L. Albuquerque e Castro, quando procediam a trabalhos de prospeção em toda a crista quartzítica onde se localiza a Lapa dos Gaivões. Nesta campanha arqueológica efetuaram trabalhos de levantamento na Lapa dos Gaivões, enquanto na Lapa dos Louçoos fizeram a descrição de todos os motivos pintados, tendo identificado a representação de uma mão estilizada, bem como antropomorfos esquemáticos muito estilizados (Castro & Ferreira, 1960–1961).

Este abrigo foi estudado por um dos signatários (A.M.) no âmbito de projeto de doutoramento, devidamente enquadrado num PNTA aprovado pela tutela em 2009, encontrando-se referenciado em diversos artigos publicados até ao momento (Martins, 2011, 2013a, 2013b), bem como integralmente na dissertação de doutoramento (Martins, 2014).

Igualmente em 2009 os Abrigos de Arronches ficaram enquadrados noutra PNTA intitulado “ARA – Arte Rupestre de Arronches”, de responsabilidade de J. Oliveira e C. Oliveira, sendo que para a Lapa dos Louçoos os trabalhos efetuados por esta equipa decorreram em Junho de 2010, consistindo no registo fotográfico e no decalque direto das pinturas existentes no teto do abrigo (Oliveira & Oliveira, 2011). Durante estes trabalhos verificaram que os diversos motivos tinham os contornos delimitados através de lápis de carvão (Oliveira & Oliveira, 2011).

2. Enquadramento geográfico e geológico

A Lapa dos Louçoos localiza-se na Serra de São Mamede, no nordeste alentejano, delimitada a norte pela bacia hidrográfica do Rio Tejo e a sul pelo início da peneplanície alentejana. Esta serra divide administrativamente os limites terri-

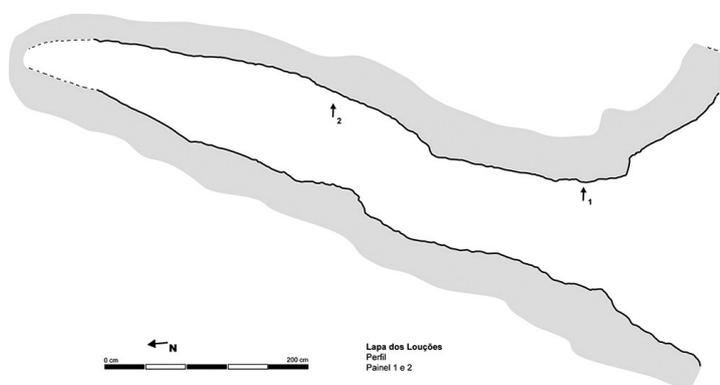


Fig. 2 – Lapa dos Louções.

Fig. 3 – Lapa dos Louções – perfil com localização dos dois painéis.

toriais de Portugal, fazendo fronteira com Espanha, encontrando-se atualmente enquadrada no Parque Natural da Serra de São Mamede, correspondendo assim à área protegida (Decreto-Lei n.º 121/89, de 14 de abril).

A Serra dos Louções é um relevo anguloso, de topo amesetado, que se destaca na paisagem aplanada a sudoeste de Arronches, alargando em sino para a base, devido à acumulação dos depósitos grosseiros de vertente. Esta serra encontra-se a meio de um corredor geográfico, limitado a norte e sul pelas cumeadas abruptas de outras cristas quartzíticas, desenvolvendo-se longitudinalmente entre elas e dominando pequenos e estreitos vales que vindos da fronteira, se reúnem a oeste da aldeia da Esperança, dando passagem para a peneplanície do Alto Alentejo que se estende para Assumar e Arronches. O ponto mais alto corresponde ao marco geodésico dos Louções com 453 m, sendo que o topónimo sugere a existência de pinturas pois o vocábulo “Louções” é sinónimo de “enfeitado” ou “ornamentado” (Castro & Ferreira, 1960–1961, p. 3).

Administrativamente, este abrigo localiza-se

na freguesia da Esperança, concelho de Arronches, distrito de Portalegre.

Do ponto de vista geológico o abrigo encontra-se numa camada ordovícica, com substrato constituído por conglomerados de base, quartzitos e xistos (O). Nas vertentes suaves das serras encontram-se os denominados depósitos de vertente (A') (Gonçalves & alii, 1978). Característica interessante desta crista é a presença de radioatividade, originada pelos quartzitos titano-zirconíferos, que contêm elevada percentagem de zircão, bem como rútilo, ilmenite, esfena e monazite (Gonçalves & alii, 1978, p. 32).

3. O elemento natural transformado em abrigo

A Lapa dos Louções é um abrigo de reduzidas dimensões localizado na vertente sul da Serra dos Louções, numa área superior da encosta. Trata-se de uma estreita fenda, originada por uma diáclase, cuja abertura encontra-se disposta lateralmente à parede quartzítica (Fig. 2). Foram definidos dois painéis, um localizado no exterior do abrigo, e o outro no interior, ocupando o teto e parede lateral. Apresenta cerca de 8,5 m de comprimento ou profundidade, 1,25 m de largura máxima no interior e 0,90 m de altura também no interior (Fig. 3). O acesso a este sítio arqueológico é difícil, sendo necessário subir a encosta íngreme, transpondo numerosos blocos quartzíticos, até alcançar uma área destacada topograficamente pela existência de um grande bloco que sobressai na crista quartzítica (Fig. 4). A Lapa dos Louções localiza-se à direita deste “monumento” natural, numa área ampla, de configuração quadrangular, criando uma pequena plataforma junto do abrigo. A inclinação é muito acentuada nesta plataforma. Os motivos existentes no painel exterior apenas são perceptíveis ao aproximarmo-nos da parede, enquanto os existentes no painel 2 são visíveis após entrarmos para o interior da fenda e nos colocarmos deitados no solo muito inclinado, olhando para o teto e parede lateral. A entrada é de reduzidas dimensões, apresentando contorno subcircular, estando atualmente parcialmente tapada pelos ramos de uma oliveira (Fig. 5). Apresenta elevada inclinação, sendo difícil permanecer na entrada da fenda, bem como aceder ao seu interior, onde a inclinação se torna ainda mais acentuada.



Ao entrarmos no interior, apesar do espaço ficar ligeiramente mais largo, a altura vai diminuindo, sendo apenas possível a permanência de no máximo duas pessoas, deitadas ou sentadas.

A visibilidade do interior da fenda é nula (Fig. 6), visto a inclinação e a reduzida abertura não permitirem campo visual, sendo porém ampla a partir da plataforma exterior do abrigo, tendo aqui grande domínio visual para sul e para este.

A superfície exterior onde se localiza o painel 1 apresenta um estado de conservação regular, mostrando algumas fraturas, estalamentos, zonas de escoamento de água e, na área mais à direita, a presença de organismos microcolonizadores vegetais como *Rizocarpum geographicum* e *Lasallia pustulata*. O painel 2, localizado no interior do abrigo, mostra um bom estado de conservação, tendo apenas algumas fraturas e áreas de coloração heterogénea resultantes do escoamento de água.

São visíveis, nos dois painéis, claras marcas de vandalização, constituídas por tentativas de delimitação dos motivos esquemáticos com recurso a um lápis de carvão, sobrepondo, nalguns casos, o pigmento. Esta ação deverá ter tido a intenção de proporcionar uma melhor visualização das figuras.

Na plataforma exterior à Lapa dos Louções seria possível a permanência, em segurança, de pelo menos seis pessoas, enquanto no interior apenas duas, conseguem visualizar simultaneamente as pinturas, sendo possível estarem três pessoas sentadas no interior da fenda.



Fig. 4 – Lapa dos Louções – localização na encosta da Serra dos Louções.

Fig. 5 – Entrada da Lapa dos Louções.

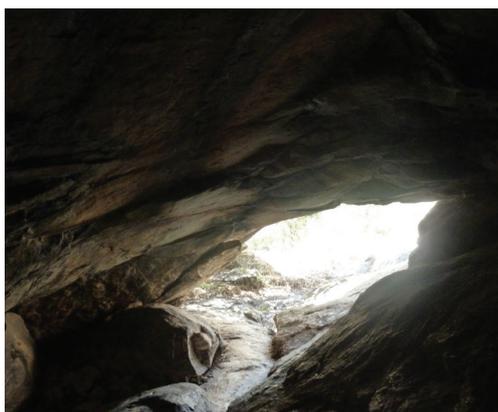
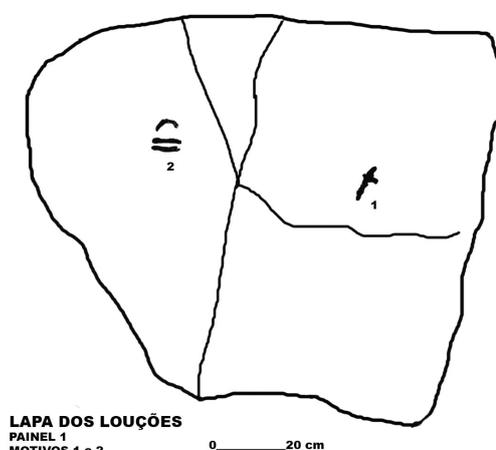


Fig. 6 – Visibilidade desde o interior da Lapa dos Louções.

Atualmente, a superfície da plataforma e o interior do abrigo encontram-se desprovidos de camadas sedimentológicas, sendo visível a rocha quartzítica. Igualmente não se identificaram materiais arqueológicos na vertente de acesso ao abrigo que poderiam corresponder a escorrências de um possível sítio localizado à cota do abrigo.



Fig. 7 – Lapa dos Louções – decalque do Painel 1.



4. Descrição do conteúdo iconográfico

O dispositivo iconográfico existente na Lapa dos Louções encontra-se distribuído em dois painéis, um localizado no exterior e outro no interior da cavidade. No interior da lapa optou-se por apenas definir um painel, tendo em conta as reduzidas dimensões da superfície e a distribuição das figuras. Foram caracterizados nove motivos iconográficos neste abrigo.

Painel 1 – Localiza-se na parede exterior do abrigo, numa área de disposição vertical, de formato sub-retangular, mostrando a superfície lisa e moderadamente regular, marcada por um grande fratura central. Apresenta 1,20 m de comprimento, 1,30 m de largura, estando a 0,80 m do solo do abrigo, encontrando-se orientado a SW, tendo amplo domínio visual. O estado de conservação da superfície é deficiente, apresentando diversas áreas lascadas e fraturadas, sendo que a coloração é heterogénea, surgindo áreas negras e alaranjadas, resultantes do escorrimento de água e dos óxidos de ferro. O dispositivo iconográfico presente neste painel é constituído por dois motivos esquemáticos (Fig. 7).

Motivo 1 – Morfologia caracterizada tipologicamente como uma figura antropomórfica, enquadrável no subtipo dos antropomorfos cruciformes, disposta verticalmente. É constituída por um traço vertical central, cruzado ortogonalmente por outro na área superior.

Trata-se assim de uma representação antropomórfica muito esquemática, representando o traço central vertical a cabeça, tronco e membros inferiores sem diferenciação anatómica, enquanto o traço horizontal corresponderá aos membros superiores. Localiza-se na área mais exterior e à direita do painel, após a fratura central, sendo o primeiro motivo a ser visualizado quando se chega à pequena plataforma. Tem 8 cm de comprimento por 3 cm de largura nos membros superiores, tendo o traço espessura variável entre 1 e 2 cm, apresentando os contornos mal definidos e irregulares. O estado de conservação é mau, mostrando falhas na distribuição do pigmento vermelho, podendo ter sido utilizado como método de execução a digitação (Fig. 8).

Motivo 2 – Morfologia enquadrada tipologicamente na categoria das figuras indeterminadas, apresentando contornos irregulares e mal definidos. É constituída por um traço semicurvo disposto horizontalmente, localizado superiormente a dois traços direitos, dispostos também na horizontal e paralelos entre si. Tem cerca de 8 cm de comprimento máximo, por 6 cm de largura e 1 cm de espessura do traço. Localiza-se na área mais à esquerda do painel, numa superfície virada para a entrada da lapa, estando assim menos visível e perceptível. O estado de conservação do pigmento de coloração laranja, que se apresenta difuso e espalhado, não permite a caracterização do método de execução da figura (Fig. 9).

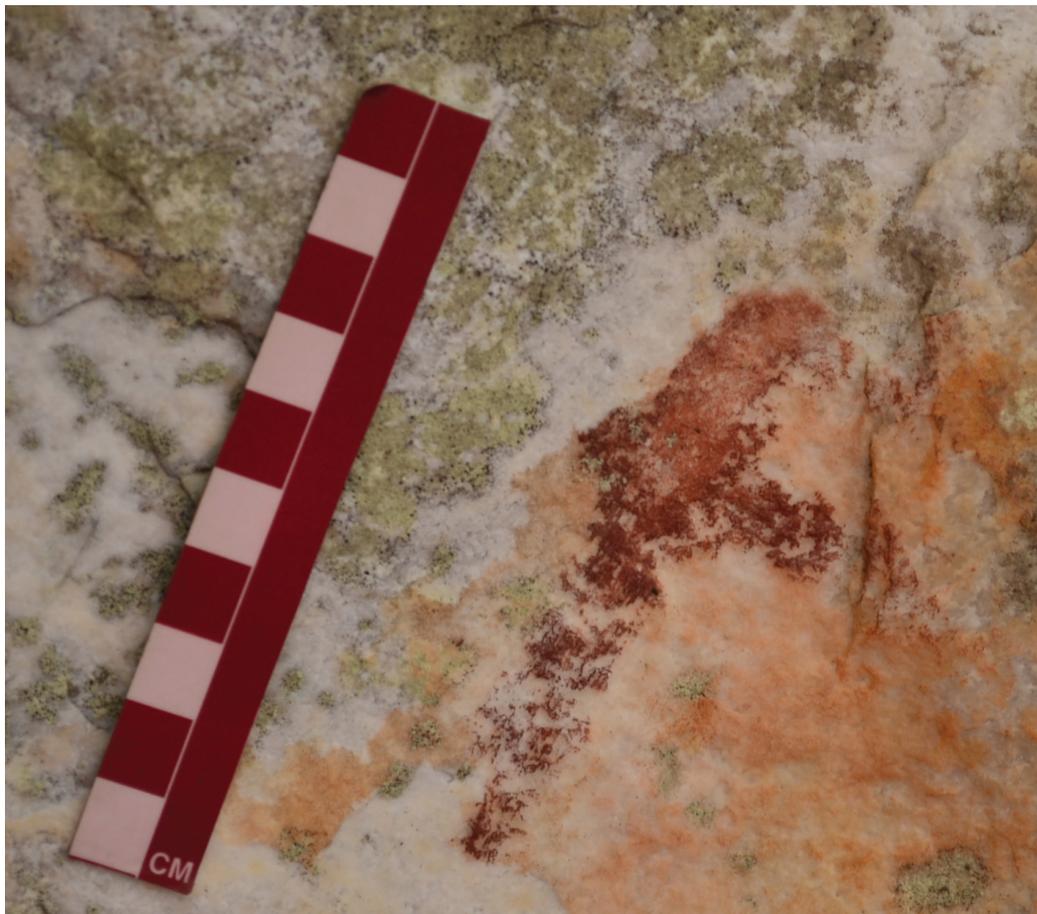


Fig. 8 – Lapa dos Louções – Motivo 1.

Painel 2 – Corresponde ao teto do interior do abrigo, sendo constituído por uma superfície irregular, de disposição vertical e extremamente inclinada. A superfície é lisa, mas irregular, apresentando diversas fraturas e estalamentos do substrato, que originam áreas muito assimétricas. Apresenta 1,95 m de comprimento, 1,30 m de largura, estando a 0,80 m do solo do abrigo, encontrando-se orientado a norte, sendo a visibilidade para o exterior praticamente inexistente. O estado de conservação da superfície é deficiente, não apenas pelas fraturas mas principalmente pela escorrência de água que origina uma coloração heterogénea, surgindo manchas negras, cinzentas e alaranjadas. Contudo terá sido esta localização interior, protegida dos agentes naturais e de ações antrópicas, que permitiu a excelente preservação das pinturas. Apesar de a diáclase se prolongar mais, o espaço onde é possível a permanência humana, corresponde à área escolhida para pintar o dispositivo iconográfico, que é constituído por 7 motivos esquemáticos todos orientados para o interior da diáclase (Fig. 10).

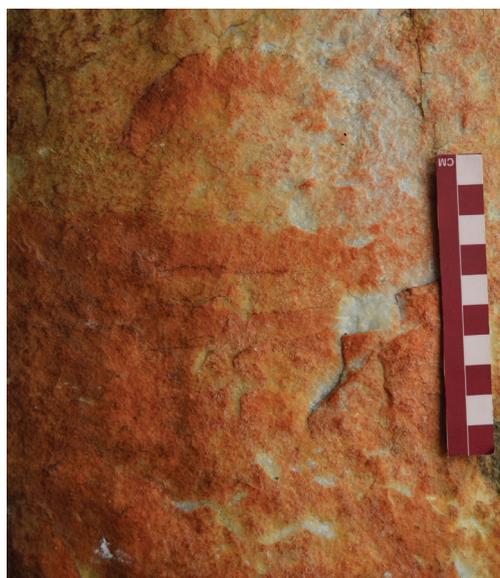
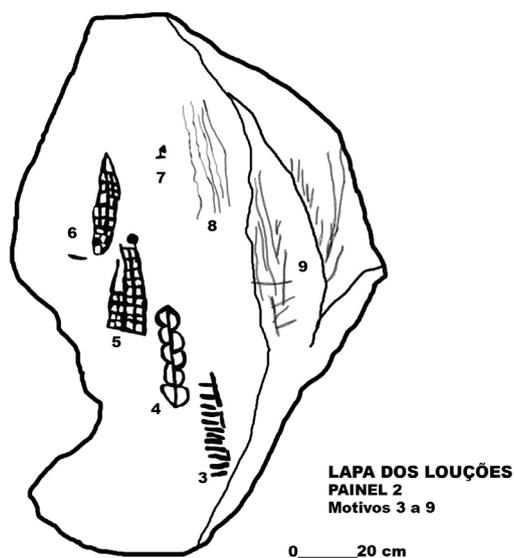


Fig. 9 – Lapa dos Louções – Motivo 2.

Motivo 3 – Morfologia caracterizada como um motivo de tendência retangular, enquadrado no subtipo dos escaleriformes, apresentando os contornos mal definidos e irregulares. É constituída por 12 barras horizon-

Fig. 10 – Lapa dos Louções – decalque do Painel 2.



tais, paralelas entre si, alinhadas verticalmente. No lado direito o pigmento encontra-se muito difuso, não sendo possível definir se existe um traço vertical que une todas as barras lateralmente, estando apenas visível algumas ligações entre barras. Este traço é apenas mais perceptível na área superior da figura, prolongando-se mais 5 cm. Do lado esquerdo, a existência de um veio de escorrência de água que originou uma mancha

Fig. 11 – Lapa dos Louções Motivo 3.



negra impossibilita a caracterização do possível traço vertical ou mesmo da terminação esquerda das barras. Apresenta 35 cm de comprimento por 10 cm de largura máxima, tendo o traço cerca de 1 cm de espessura. Localiza-se na área inferior do painel, mais próximo da entrada, do lado direito do motivo 4. Mostra um estado de conservação razoável, mais afetado do lado esquerdo, estando porém o pigmento muito difuso e espalhado. O método utilizado para aplicação do pigmento laranja poderá ter sido a tinta plana (Fig. 11).

Motivo 4 – Morfologia caracterizada como um motivo diverso, enquadrado no subtipo das figuras polilobuladas, apresentando os contornos bem definidos e regulares. É constituído por um traço central vertical, que apresenta de cada lado cinco semicírculos, ou seja, uma morfologia polilobulada. Não são cinco círculos segmentados por uma barra central, porque estes não estão alinhados entre si. Apresenta 32 cm de comprimento por 8 cm de largura máxima, tendo o traço cerca de 1,2 cm de espessura. Localiza-se na área central do painel, numa superfície de coloração branca, enquadrada entre duas áreas de escorrimento de água que mostram coloração escura, ficando assim bem destacado no painel, entre os motivos 3 e 5. Apresenta um bom estado de conservação, tendo sido utilizado como método de aplicação do pigmento laranja a tinta plana (Figs. 12 e 13).

Motivo 5 – Morfologia caracterizada como um motivo tetiforme, enquadrado no subtipo dos reticulados, apresentando os contornos bem definidos mas pouco regulares. Trata-se de um reticulado de grandes dimensões, constituído por um retângulo de disposição vertical, segmentado internamente por um traço central vertical e por nove horizontais, paralelos entre si. Na extremidade superior direita surge uma morfologia circular, ligada ao reticulado por um pequeno traço, enquanto na extremidade esquerda o estado de conservação não permite a sua correta definição. No lado esquerdo do motivo, junto a este, surge outro retângulo também segmentado internamente por um traço vertical, mas apenas com quatro traços horizontais, paralelos entre si, prolongando-se o traço vertical



exterior. Apresenta 36 cm de comprimento por 15 cm de largura máxima, tendo o traço cerca de 1,2 cm de espessura. Tal como os motivos 3, 4 e 6 encontra-se inclinado para o interior da diáclase, ou seja, para cima. Localiza-se na área central do painel, numa superfície de coloração branca, enquadrada entre duas áreas de escorrimento de água que mostram coloração escura, tendo sido o lado esquerdo do motivo parcialmente afetado. Apresenta um bom estado de conservação, tendo sido utilizado como método de aplicação do pigmento laranja a tinta plana (Figs. 14, 15 e 16).

Motivo 6 – Morfologia caracterizada como um motivo tetiforme, enquadrado no subtipo dos reticulados, apresentando os contornos bem definidos e regulares. Trata-se de um reticulado de grandes dimensões, constituído por uma morfologia em forma de elipse, disposta na vertical, inclinada obliquamente na direção do interior da diáclase, e segmen-



tada internamente. Esta segmentação interna não é regular, formando três conjuntos de retículas desalinhadas entre si, criando espaços de distintas dimensões. Na superfície inferior surge ainda um pequeno traço horizontal. Apresenta 38 cm de comprimento por 12 cm de largura máxima, tendo o traço cerca de 1,2 cm de espessura. Localiza-se na área superior do painel, numa superfície muito afetada pelo escorrimento de água, originando manchas que cobrem parcialmente o lado esquerdo e as extremidades da figura. Apresenta um estado de conservação razoável, tendo sido utilizado como método de aplicação do pigmento laranja a tinta plana (Figs. 17 e 18).

Motivo 7 – Morfologia enquadrada tipologicamente na categoria das figuras indeterminadas, apresentando contornos irregulares e mal definidos. É constituído por um traço horizontal, que se encontra ligado a uma morfolo-

Fig. 12 – Lapa dos Louções – Motivo 4.

Fig. 13 – Lapa dos Louções – pormenor do Motivo 4.

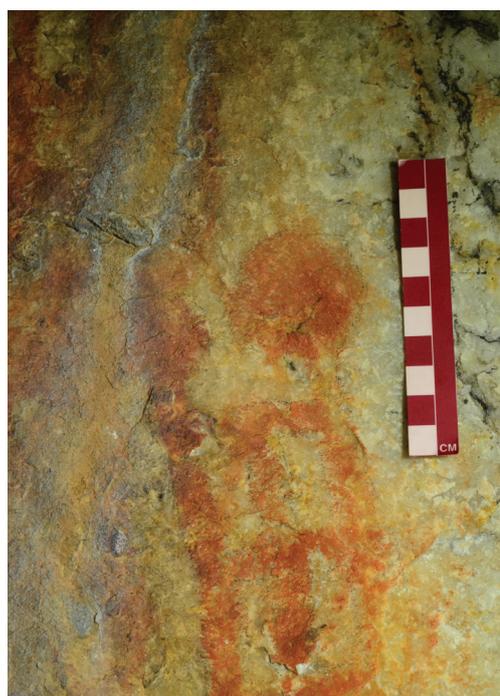
Fig. 14 – Lapa dos Louções – Motivos 4 e 5 – alterado digitalmente.



Fig. 15 – Lapa dos Louções – Motivo 5.



Fig. 16 – Lapa dos Louções – pormenor do Motivo 5.



gia de formato triangular, por outro pequeno traço vertical. A morfologia triangular encontra-se preenchida internamente. Tem cerca de 3,5 cm de comprimento máximo por 4 cm de largura e localiza-se na área superior do painel, numa superfície onde existem também veios de escorrimento de água. O estado de conservação é regular tendo sido utilizado como método de aplicação do pigmento vermelho a tinta plana (Fig. 19).

Motivo 8 – Morfologia enquadrada tipologicamente na categoria das figuras geométricas, apresentando contornos irregulares e mal definidos. É formada por um conjunto de cinco traços/linhas dispostos verticalmente e paralelos entre si, embora sem estarem alinhados. Têm cerca de 40 cm de comprimento máximo por 20 cm de largura e 0,3 cm de espessura, localizando-se na área central do painel num plano ligeiramente

superior ao lado direito do motivo 5. O estado de conservação é regular, sendo que as reduzidas dimensões do traço e a sua característica irregular com discontinuidades, permitem propor que o método de aplicação do pigmento foi em bruto, ou seja, aplicação direta de um fragmento de colorante vermelho-escuro (Fig. 20).

Motivo 9 – Morfologia enquadrada tipologicamente na categoria das figuras geométricas, apresentando contornos irregulares e mal definidos. É formada por um conjunto de 22 traços/linhas dispostos caoticamente na área mais superior do painel e de acesso mais difícil. Estes traços encontram-se na vertical e na horizontal, alguns paralelos e outros cruzando-se ortogonalmente, não formando nenhum tipo de morfologia reconhecida tipologicamente. As suas dimensões são muito distintas, tendo alguns cerca de 10 cm de comprimento e outros 40 cm, distribuindo-se



Fig. 17 – Lapa dos Louções – Motivo 6.



Fig. 18 – Lapa dos Louções – Motivos 5, 6 e 7.

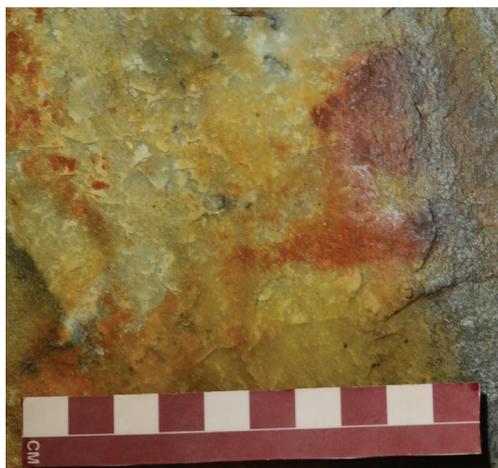


Fig. 19 – Lapa dos Louções – Motivo 7.

numa superfície com cerca de 30 cm de largura. O estado de conservação é regular, sendo que as reduzidas dimensões do traço e a sua característica irregular com descontinuidades, permitem propor que o método de aplicação do pigmento foi em bruto, ou seja, aplicação direta de um fragmento de corante vermelho-escuro (Fig. 21).

5. Processos de organização gráfica: da execução à transformação conceptual e simbólica

O repertório iconográfico presente neste abrigo é reduzido, sendo formado por nove figuras, onde se destacam os motivos tetifor-

mes e polilobulado do painel 2. A restante iconografia é constituída por dois motivos geométricos, um motivo antropomórfico e dois indeterminados.

O painel 1 caracteriza-se pela sua localização exterior e pelo reduzido número de motivos, face à potencial superfície disponível para pintar. Encontra-se, assim, na parede de acesso à entrada da cavidade e é constituído por dois motivos esquemáticos que foram, possivelmente, executados de pé (motivo 1) ou sentados (motivo 2), sendo que o deficiente estado de conservação do motivo 2 não permite a sua definição técnica. Estes dois motivos localizam-se em áreas muito distintas do painel, o primeiro na

Fig. 20 – Lapa dos Louções – Motivo 8.



Fig. 21 – Lapa dos Louções – Motivo 9.



superfície mais exterior, virada para o vale, enquanto o segundo se encontra numa área do painel em que a superfície inflete, estando orientado para a entrada da cavidade.

O motivo 1, caracterizado como um cruciforme, foi pintado com um pigmento de coloração vermelho-escura, ficando destacado na superfície clara. Encontra-se orientado na vertical e mostra um estado de conservação razoável, tendo sido provavelmente executado através de digitação, implicando assim um contacto direto com o suporte.

À entrada da cavidade encontra-se o motivo 2, numa superfície baixa, implicando ser necessário estar-se sentado para a sua correta visualização. A localização estratégica, à entrada da cavidade, poderá ter funcionado como sinalizador do dispositivo iconográfico existente no interior, fazendo assim, conceptualmente, parte deste.

O painel 2 encontra-se no interior do pequeno abrigo e o dispositivo iconográfico

presente no teto só é observável com recurso a iluminação artificial. O acesso muito difícil ao interior e a dificuldade de arranjar uma posição estável para visualizar os diversos motivos, são características que poderão ser entendidas como fazendo parte do próprio processo gráfico. O executante terá estado, necessariamente, deitado ou sentado, no interior da cavidade, para conseguir pintar os motivos esquemáticos.

O teto do abrigo foi, assim, interpretado como espaço cénico, onde foi pintada uma elaborada composição, cujos motivos caracterizam-se quer pelas suas dimensões como pelas tipologias pouco comuns. Ocupam todo o espaço disponível, encontrando-se em diferentes planos, uns mais em cima, outros nas zonas laterais do teto, até à área em que já não é possível pintar. Não existem sobreposições entre motivos, verificando-se a utilização de dois pigmentos distintos cromaticamente: um de coloração vermelho-alaran-

jada, presente na maioria dos motivos, e o outro, de coloração vermelho escuro.

O motivo 3 encontra-se próximo da entrada e é formado por doze barras horizontais, paralelas entre si, possivelmente ligada numa das extremidades por um traço vertical só observável nalguns traços. Este motivo de 35 cm de comprimento poderá ser caracterizado como escaleriforme, ou seja, uma morfologia em forma de escada. Poderá esta escada, localizada à entrada do abrigo, ou seja, no início da composição, simbolizar o acesso ao espaço cénico conceptual? Levará o participante para outro lugar ou estado? Por outro lado, se é uma espécie de escada, porque surge fechada apenas num dos lados?

Num plano um pouco superior e numa área mais central do painel surge o motivo 4, caracterizado como uma figura polilobulada, formada por um traço central vertical com cinco semicírculos de cada lado. Esta morfologia geométrica poderá também ser interpretada como um antropomorfo rami-forme (Gomes, 2010, p. 214), ou um antropomorfo formado por diversos phi gregos, bem como pela representação de halteriforme pluricircular (Acosta, 1968, p. 83). Por outro lado poderá também ser entendida como a representação de diversos antropomorfos com os braços em arco, alinhados, dando assim noção perspectiva e movimento. No seu lado direito surge o motivo 5, caracterizado como uma figura tetiforme, enquadada no subtipo dos reticulados, mostrando grandes dimensões (36 cm), destacando-se pela presença do círculo, preenchido internamente, que se localiza no topo. Poderá este representar uma cabeça e estarmos perante uma figura antropomórfica? Poderá o reticulado ser simplesmente outro motivo escaleriforme? E neste caso, o círculo corresponder ao antropomorfo que já subiu a escada e passou a outro nível?

Na área superior deste motivo surge um outro, muito parecido tipologicamente, caracterizado também pela segmentação interna, mostrando, porém, uma morfologia distinta. Esta foi originada pelo próprio suporte, ou seja, a sua localização numa superfície muito superior do teto fez com que, para o executante, fosse mais simples pintar uma morfologia com extremidade elipsoidal, ou, em bico.

Este motivo (6) poderá também ser considerado como um escaleriforme, mostrando, no entanto, assimetria relativamente à localização dos traços horizontais no interior.

Na área superior direita do teto observam-se diversos traços de coloração vermelho-escuro vinhosa (motivos 8 e 9), com tendência marcadamente vertical, mas que, nalguns casos, se sobrepõem parcialmente. Estes traços são descontínuos, podendo ter sido executados com o colorante em bruto, sem qualquer tipo de preparação prévia.

No topo da composição surge ainda um pequeno motivo geométrico (7) formado por uma barra horizontal que se encontra ligada a um triângulo preenchido internamente.

Estes nove motivos farão assim parte de uma composição elaborada previamente, cujo significado será muito difícil de definir. Os motivos 3, 4, 5 e 6 estão certamente associados, fazendo parte de uma cena onde surgem vários motivos escaleriformes e uma possível representação de vários antropomorfos juntos (o polilobulado). Estamos perante uma cena de carácter simbólico onde os escaleriformes representarão a passagem para outro estado ou lugar, participando ativamente os antropomorfos neste acontecimento. O alinhamento de cinco antropomorfos, desprovidos das suas características básicas como cabeça e membros inferiores, poderá representar uma fila ou alinhamento simbólico, prontos para a subida e passagem a outro estado. A inclinação de todos os motivos para o interior da fenda, ou seja, para o interior da terra, fará certamente parte deste enquadramento conceptual.

Os motivos encontram-se desorganizados no painel, não existindo um verdadeiro eixo vertical, mas antes uma disposição em diferentes planos tendo em conta as características e dimensões do suporte. Corresponderão assim a motivos com uma categoria de igualdade entre si, tendo o seu próprio significado mas enquadrado numa determinada composição conceptual.

Os grupos de traços, que se localizam em áreas limítrofes da composição, poderão ter sido executados num outro momento, não tendo, no entanto, sobreposto os motivos pré-existentes, funcionando assim como uma adição ao repertório iconográfico e simbólico.

6. A antropização da paisagem: abrigo ocultos ou de visão inexistente

A antropização da paisagem e a sua transmutação em território é efetuada pela escolha deliberada de locais de implantação dos abrigos. Estes não surgem aleatoriamente — são o resultado de premissas previamente determinadas, que têm funções específicas dentro das comunidades ou grupos. Para a unificação de uma comunidade num determinado território são necessários locais de agregação, que possam acolher numerosas pessoas e que sejam facilmente reconhecidos na paisagem, funcionando como símbolo identificador. Estes locais, que apresentam geralmente repertório iconográfico abundante e diversificado, teriam a função de preservar a memória coletiva, quer através das pinturas que aí permanecerão para sempre, como através de rituais e cerimónias que para nós são desconhecidos. Por outro lado, já de cariz mais privado e restrito, encontramos os abrigos localizados em áreas de passagem ou totalmente ocultos, com possíveis implicações cinegéticas, podendo revelar uma distinção social dentro dos membros da comunidade. A questão da visibilidade e implantação deverá ser entendida não tanto numa perspetiva de interligação grupal ou domínio territorial, mas principalmente como uma estratégia interna de organização social, cultural e simbólica.

A Lapa dos Louções enquadra-se no tipo 4 de abrigos com pintura rupestre esquemática em Portugal (Martins, 2014). Este grupo — Sítios Ocultos ou de Visão Inexistente — corresponde à categoria de abrigos menos frequente no nosso território, sendo igualmente escassa a nível peninsular. Correspondem a abrigos localizados em locais de acesso muito restrito e difícil, totalmente ocultos, com pouca ou nenhuma incidência solar direta. O acesso requer alguma agilidade física, podendo existir um grau elevado de perigo como por exemplo no Abrigo de Segura. Na Lapa dos Louções as pinturas localizam-se no interior das cavidades, não tendo incidência solar direta e mostrando luminosidade reduzida. O conhecimento destes locais seria algo muito restrito, sendo que o seu reconhecimento na paisagem é praticamente impossível, estando escondidos e resguardados no meio envolvente. As suas reduzidas dimensões apenas permitem a permanência de uma ou duas pessoas simultaneamente, não fazendo parte de um coletivo

social, mas de um grupo específico dentro da comunidade. A iconografia específica e singular, que surge totalmente adaptada ao teto da Lapa dos Louções, poderá estar relacionada com simbolismos conceptuais da própria comunidade, aos quais apenas alguns teriam, ou poderiam ter, acesso.

7. O contexto arqueológico: território de vivos e mortos

A Serra de São Mamede é uma das áreas do atual território português que apresenta uma assinalável concentração de vários abrigos com Pintura Rupestre Esquemática – PRE. Se, por um lado, há um volume considerável de contextos relacionados com ações artísticas e simbólicas de grupos inseridos nas antigas sociedades camponesas, por outro lado, ocorrem ainda algumas lacunas no que diz respeito à caracterização dos espaços de povoamento e em que moldes este se processou.

De facto, o conhecimento científico que se detém sobre as mais variadas regiões do nosso território resulta do investimento dos seus investigadores. São os seus projetos de investigação, opções de estudo e trabalho que, geralmente, produzem a base empírica com que, posteriormente, se tenta caracterizar um território e uma determinada fase crono-cultural. Em áreas como os atuais concelhos de Arronches e Portalegre, onde a Arqueologia Empresarial ou de Minimização de Impactes teve pouco desenvolvimento, os dados chegam-nos através dos trabalhos de investigação que um número muito reduzido de arqueólogos produziu ou tem vindo a produzir. Desta forma, para além de ser esperável que a base de dados seja reduzida, é também normal que esta demonstre algumas tendências, resultante dos objetivos subjacentes ao trabalho concreto desses autores. Esta situação está bem patente no espaço do atual concelho de Arronches.

O maior testemunho de ocupações inseridas nas primeiras sociedades camponesas advém da existência de monumentos megalíticos de cariz funerário. Esta razão, como se mencionou em cima, resulta da orientação metodológica e dos objetivos de investigação que os arqueólogos, que têm trabalhado nesta região, procuraram. Os projetos de investigação levados a cabo por Jorge Oliveira (“Paisagens Mega-

líticas Norte Alentejanas”) e por Rui Boaventura (“As Comunidades Pré-históricas dos 4.º e 3.º milénio na Região de Monforte”), levaram à identificação de um número considerável de sítios dessa categoria, bem como de alguns achados isolados inseridos nesta temática crono-cultural (ex.: Anta 1 da Nave Fria, Anta 2 da Nave Fria, Anta das Casas Brancas, Fragoso e Fragoso 1). No entanto a maioria das intervenções arqueológicas nesses locais resumiram-se a ações de prospeção, relocalização e limpeza de monumentos, não tendo lugar, salvo raras exceções, a escavações arqueológicas. Desta forma, além de se desconhecer os dados artefactuais que poderiam apresentar-se como elementos de diagnóstico cultural, as atribuições cronológicas são genéricas (Neolítico; Neolítico/Calcolítico) e carecem de óbvia comprovação. As duas Antas da Nave Fria localizam-se a cerca de 1 km (Oliveira, 2004) do Abrigo Pinho Monteiro, tendo visualização direta. Encontram-se ainda referidas no concelho de Arronches as Antas da Rasquilha, do Monte do Reguengo, do Monte dos Fartos, do Monte das Sarnadas, de Casa Branca, de Moreiros, de Vale de Bêbadas e de Santo António (Oliveira & alii, 2011). As Antas da Herdade da Rabuge, Herdade Vale de Bêbadas e Tapada da Mina que, desconhecendo-se, hoje, a sua localização (excepto a de Vale de Bêbadas), aparecem referenciadas por José Leite de Vasconcellos, num trabalho de 1929 (Vasconcellos, 1929). Relativamente a menires isolados encontramos referências ao menir do Monte do Reguengo (Arronches) e ao menir da Bocada da Praça (Campo Maior) (Oliveira & Oliveira, 1999–2000).

No que respeita a locais de habitação, os dados são também reduzidos, apesar da existência de intervenções em contextos deste tipo diretamente relacionadas com os abrigos pintados. As escavações efetuadas no Abrigo Pinho Monteiro por M. V. Gomes e por J. Oliveira, bem como as intervenções efetuadas por este último investigador na Lapa dos Gaivões e na Igreja dos Mouros revelaram ocupações com larga diacronia, desde o Neolítico Final/Calcolítico Inicial, com um último nível de cronologia medieval. No topo da Serra dos Louções existe a referência de um povoado calcolítico (Gomes, 1989; Oliveira & alii, 1996), tendo sido recolhidos materiais arqueológicos à superfície. As cerâmicas correspondem a

taças carenadas e formas hemisféricas ou globulares, enquanto no espólio lítico foi identificado um pequeno machado, um raspador carenado, lascas, lamelas, um núcleo de sílex e um furador (Gomes, 1989, p. 232), materiais estes classificados como do Neolítico Final/Calcolítico Inicial. Porém nunca se efetuaram trabalhos de prospeção intensiva ou escavação que permitissem uma melhor aferição estratigráfica.

O povoado do Baldio era, até há pouco tempo, um dos raros elementos conhecidos relacionados com espaços de habitat na região. A escavação levada a cabo por T. J. Gamito permitiu a identificação de um povoado proto-histórico mas, também, com uma reconhecida ocupação do Calcolítico, preliminarmente publicada na década de 1970 (Macartney, Macartney & Arnaud, 1971; Gamito, 1996). Outros sítios caracterizados como habitats calcolíticos são o povoado de Martim Filho e o do Monte das Santas, ambos localizados no concelho de Arronches (Oliveira & alii, 1996), mas nunca escavados.

Só recentemente (últimos 10 anos), e novamente fruto de uma investigação orientada para uma determinada temática (recintos de fossos na Pré-História Recente), a base empírica relativamente ao povoamento teve um ligeiro acréscimo, novamente pela mão de R. Boaventura e pela equipa dirigida por A. Valera, possibilitado pela execução de diferentes métodos de prospeção (no terreno, geofísica e com recurso a imagens aéreas). Neste campo, importa referir a identificação do povoado com fossos de Moreiros 2, caracterizado como do Neolítico Final e Calcolítico (Boaventura, 2006; Leeuwaarden & Queiroz, 2003; Valera & alii, 2013) e o Monte da Contenda, que foi noticiado recentemente (Valera & Pereiro, 2013). Para este último, após uma limpeza de um talude de um dos fossos, observou-se a presença de cerâmica almagrada o que, segundo o investigador responsável, poderá recuar a ocupação deste sítio ao Neolítico Médio. Os ainda reduzidos trabalhos de campo produzidos neste sítio (prospeção, prospeção geofísica e limpeza de um corte/talude aberto por uma estrada) permitiram a recolha, para datação, de restos faunísticos, aguardando-se por esses resultados.

Ocorre ainda uma referência de um possível espaço de habitat em Menisa, sendo que a prospeção nesse pequeno cabeço com afloramento graníticos terá revelado a presença de

cerâmica, pedra lascada, pedra polida, pesos de tear e barro de cabana, testemunhando uma ocupação inserida no Neolítico/Calcolítico (Endovélico).

Observando as realidades arqueológicas do concelho limítrofe (Portalegre) mas que se enquadra claramente no espaço de influência das comunidades que efetivaram a sua presença neste território através das representações visíveis nos abrigos alvo de estudo, rapidamente se constata que o panorama face a Arronches não é muito distinto. Continua a ocorrer uma maior presença de monumentos megalíticos de cariz funerário em oposição aos espaços de habitat. Como exemplo desta situação, encontra-se o trabalho académico desenvolvido por R. Parreira sobre o conjunto megalítico do Crato, onde menciona os monumentos da área de Portalegre como Sargonheiros 3, a mamoa do Couto da Madalena 2 e o Couto dos Algarves (Parreira, 1996). Para esta última, existe uma referência, na base de dados Endovélico, de uma pequena escavação dirigida por L. Rocha, permitindo, pelo estudo dos líticos, enquadrar o monumento no Neolítico Médio.

Os trabalhos de prospeção desenvolvidos no Alto Alentejo e Beira interior pelas equipas de J. Caninas e F. Henriques também tiveram resultados na região de Portalegre. Mais uma vez, os elementos relativos à temática crono-cultural em análise reportam a monumentos megalíticos tanto de cariz funerário, como a menires (Charneca do Vale Sobral 1 e Charneca do Vale Sobral 2) (Henriques & Caninas, 1980). Novamente, as intervenções arqueológicas resumiram-se a ações de prospeção, ficando os elementos de diagnóstico escassos para uma melhor caracterização.

Os espaços de povoamento estão confinados a poucas ocorrências: Ermida da Nossa Senhora da Lapa, Povoado do Veloso, Muralha do Carvalhal e Carvalhal Barbudo. Tal como se verificou em Arronches, este conhecimento é gerado pelas ações de investigação de J. Oliveira, importante dinamizador e precursor da atividade e conhecimento arqueológico desta região. A sondagem realizada no Povoado do Veloso terá permitido a identificação de um habitat de curta duração inserido no Calcolítico (Endovélico). No sentido oposto a escavação na Ermida da Nossa Senhora da Lapa só possibilitou a observação de níveis de cronolo-

gia moderna e contemporânea, nada consentânea com as pinturas esquemáticas observadas nas paredes e que levou o autor a considerar como do Neolítico. Para os núcleos de habitat da Muralha do Carvalhal e do Carvalhal Barbudo apenas existe a referência da sua atribuição cronológica no Calcolítico (Oliveira & *alii*, 1996).

A identificação do eventual contexto arqueológico dos núcleos de pintura rupestre esquemática de Arronches apresenta-se, em suma, como uma tarefa de difícil alcance. Tal como se observou para outros espaços, ocorre um número muito limitado de espaços de povoamento, sendo que os mesmos foram palco de reduzidas intervenções arqueológicas, ao que se acresce, em alguns casos, um total desconhecimento face aos elementos de diagnóstico registados que terão permitido a sua definição e caracterização. No entanto, a presença significativa de espaços funerários (monumentos megalíticos), estando identificados cerca de 700 no distrito de Portalegre (Oliveira, 2004), atesta o simbolismo que esta área deteve nas comunidades pré-históricas agro-pastoris, facto que, por si só, já era bem evidente nos contextos artísticos aqui em análise.

8. Lapa dos Louções e sua integração na pintura rupestre esquemática peninsular

A Lapa dos Louções corresponde assim a um pequeno abrigo onde num determinado momento foram pintadas diversas morfologias de cariz esquemático. O significado dessas representações nunca poderá ser totalmente entendido atualmente, tendo em conta quer o carácter esquemático das morfologias quer, e principalmente, a distância cronológica e conceptual que nos separam dos executantes. Podemos, no entanto, buscar padrões que nos indiquem periodizações, alcançadas por paralelos iconográficos, técnicos e compositivos. Este abrigo, analisado aqui isoladamente, insere-se num conjunto de sítios arqueológicos com pinturas rupestres localizados nos maciços quartzíticos da Serra de São Mamede. Segundo investigações recentes encontram-se identificados novos abrigos (Oliveira, 2015), cuja temática iconográfica apresenta inúmeras semelhanças, revelando assim uma uniformidade conceptual e cronológica das manifestações artísticas.

A Lapa dos Louções enquadra-se no segundo período estabelecido para a pintura rupestre esquemática existente no nosso território (Martins, 2014), denominado por “arte esquemática ideográfica”, onde os motivos são totalmente esquemáticos, com poucas características formais identificáveis, mostrando uma grande diversidade tipológica e temática. Este esquematismo encontra-se bem presente nos motivos existentes neste abrigo, sendo de realçar a invulgar dimensão dos mesmos, bem como a própria tipologia. A nova abordagem conceptual é o reflexo da consolidação da sedentarização por estas comunidades desde o final do IV milénio a.C. até ao final do III milénio a.C.

A grande maioria dos abrigos com pintura rupestre esquemática, bem como os núcleos com gravuras rupestres esquemáticas, existentes no atual território português enquadram-se nesta fase.

Na Lapa dos Louções a passagem para outro universo simbólico e conceptual encontra-se potenciada pelo próprio suporte. A configuração da cavidade apenas permite a execução do repertório iconográfico estando deitado, muito próximo do texto, ficando inserido neste

elemento natural, desprotegido e isolado. Esta simbiose origina uma transmutação através do repertório iconográfico, totalmente esquemático (formado maioritariamente por escaleriformes), e cuja disposição no painel revela a sua direção para o interior da terra, para outro mundo.

A arte esquemática é maioritariamente uma arte da luz, do exterior, tendo a grande maioria dos abrigos incidência solar direta durante parte do dia. No entanto, na Lapa dos Louções, sucede exatamente o contrário: as pinturas estão ocultas, são secretas, apenas conhecidas por alguns membros da comunidade. Esta ocultação terá necessariamente de corresponder a um processo conceptual estabelecido previamente à execução, onde já se teria conhecimento do local e do espaço existente, que num determinado momento foi alterado. Trata-se de um rito privado, único, em que um indivíduo isolado pintou aquelas figuras esquemáticas, que correspondem a uma narrativa simbólica, a uma estória escrita entre finais do IV e finais do III milénios a.C.

Lisboa, novembro de 2015

Agradecimentos

À Ana Braz pelo auxílio nos trabalhos de campo.

Bibliografia citada

- ACOSTA MARTÍNEZ, Pilar (1968) – *La pintura rupestre esquemática en España*. Salamanca: Universidad.
- BOAVENTURA, Rui (2006) – Os IV e III milénios a.n.e. na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do *cluster* de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 2. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, pp. 61–81.
- CASTRO, Luís de Albuquerque; FERREIRA, Octávio da Veiga (1960–1961) – As pinturas rupestres esquemáticas da Serra dos Louções. *Conimbriga*. Coimbra. 2–3, pp. 1–20.
- GAMITO, Teresa Júdice (1996) – O estanho de aluvião e a metalurgia do bronze no Castro do Baldio (Arronches, Portugal). *Vipasca*. Aljustrel. 5, pp. 29–50.
- GOMES, Mário Varela (1989) – Arte rupestre e contexto arqueológico. *Almansor*. Montemor-o-Novo. 7, pp. 225–269.
- GOMES, Mário Varela (2010) – *Arte rupestre do Vale do Tejo: um ciclo artístico-cultural pré e proto-histórico*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 3 vols. (Dissertação de Doutoramento, texto policopiado).
- GONÇALVES, Francisco; PERDIGÃO, Jacinto Correia; COELHO, A. de Vasconcelos Pinto; MUNHÁ, José Manuel Urbano (1978) – *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000: notícia explicativa da Folha 33-A Assumar*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos (1980) – Contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa (I). *Preservação*. Vila Velha de Ródão. 3.

- LEEUWAARDEN, Wim Van; QUEIROZ, Paula (2003) – *Identificação de um conjunto de material lenhoso carbonizado proveniente do povoado pré-histórico de Moreiros 2, Arronches, Monforte*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- MACARTNEY, Fennela; MACARTNEY, Robin; ARNAUD, José Morais (1971) – Os povoados pré e proto-históricos romanizados de Baldio (Arronches) e Serra de Segóvia (Elvas): notícia preliminar. In *Actas do 2.º Congresso Nacional de Arqueologia, Coimbra, 1970*. Coimbra: Junta Nacional de Educação, p. 627.
- MARTINS, Andrea (2011) – Arte esquemática em Portugal: um projeto em construção. In OrJIA, eds. – *Actas de las II Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica* (Madrid, 6, 7 y 8 de mayo de 2009), JIA 2009, Tomo II. Zaragoza: Pórtico, pp. 815–818.
- MARTINS, Andrea (2013a) – Arte esquemático en Portugal: los abrigos con pinturas del Macizo Calcáreo Extremeño. In MARTÍNEZ GARCÍA, Julián; HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro, eds. – *Arte rupestre esquemático en la Península Ibérica – II Congreso 2010*. Vélez-Blanco: Ayuntamiento, pp. 317–323.
- MARTINS, Andrea (2013b) – A pintura rupestre esquemática em Portugal: muitos sítios, mesmas pessoas? In ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds. – *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 495–505.
- MARTINS, Andrea (2014) – *A pintura rupestre do Centro de Portugal: antropização simbólica da paisagem pelas primeiras sociedades agro-pastoris*. Dissertação de doutoramento, Universidade do Algarve, 2 vols., texto policopiado.
- OLIVEIRA, Jorge de (2004) – A arte rupestre no contexto megalítico norte-alentejano. In *Sinais da Pedra: actas do 1.º Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, cd-rom.
- OLIVEIRA, Jorge de (2015) – A arte esquemática da Serra de S. Mamede – contextos arqueológicos. In COLLADO GIRALDO, Hipólito; GARCÍA ARRANZ, José Julio, eds. – *ARKEOS – XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015*, n.º 37, pp. 91–103.
- OLIVEIRA, Jorge de; BAIRINHAS, António; BALESTEROS, Carmen (1996) – Inventário dos vestígios arqueológicos do Parque Natural da Serra de São Mamede. *Ibn Marwan*. Marvão. 6, pp. 43–61.
- OLIVEIRA, Jorge de; OLIVEIRA, Clara (1999–2000) – Menires do distrito de Portalegre. *Ibn Marwan*. Marvão. 9–10, pp. 147–180.
- OLIVEIRA, Jorge de; OLIVEIRA, Clara (2011) – *Relatório dos trabalhos arqueológicos efectuados no Abrigo dos Louções (Esperança – Arronches) 2010*. Universidade de Évora (IGESPAR, texto policopiado).
- OLIVEIRA, Jorge de; MOITAS, Emílio; OLIVEIRA, Clara (2011) – Monumentos megalíticos do Concelho de Arronches. In *Arqueologia do Norte Alentejano – comunicações das 3.ªs Jornadas*. Fronteira: Câmara Municipal; Lisboa: Edições Colibri, pp. 415–424.
- PARREIRA, Rui (1996) – *O conjunto megalítico do Crato (Alto Alentejo): contribuição para o registo das antas portuguesas*. Porto: Universidade.
- VALERA, António Carlos; BECKER, Helmut; BOAVENTURA, Rui (2013) – Moreiros 2 (Arronches, Portalegre): geofísica e cronologia dos recintos interiores. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 9, pp. 37–46.
- VALERA, António Carlos; PEREIRO, Tiago (2013) – Novos recintos de fossos no sul de Portugal: o Google Earth como ferramenta de prospecção sistemática. In ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds. – *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 345–350.
- VASCONCELLOS, José de Leite de (1929) – Antiquidades do Alentejo. *O Archeologo Português*. Lisboa. 28, pp. 158–200.